

A literatura como fonte histórica no livro didático de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas do Novo Ensino Médio (PNLD 2021)

Literature as a historical source in the New High School textbook on applied Human and Social Sciences (PNLD 2021)

Márcio Douglas de Carvalho e Silva

Doutor em História Social

Universidade Federal do Pará (UFPA)

conectadonomarcio@hotmail.com

Recebido: 13/10/2023

Aprovado: 29/11/2023

Resumo: Com a aprovação da Lei nº 13.415/2017, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, instituindo o Novo Ensino Médio e conseqüentemente uma nova forma de organização do currículo, grande parte das disciplinas foram agrupadas sob uma única coleção de livros didáticos, como História, Geografia, Filosofia e Sociologia, que perderam seus manuais individualizados e atualmente estão distribuídas nos livros da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Com isso, o objetivo deste artigo é analisar o uso da literatura como fonte histórica nos livros didáticos de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas do Novo Ensino Médio. A metodologia contemplou a análise de 18 livros didáticos do Programa Nacional do Livro Didático - PNLD 2021, correspondentes a três coleções disponibilizadas pelo Ministério da Educação. Verificou-se que os autores recorrem à literatura de maneira pontual, optando quase sempre por poemas, que são acompanhados de sugestões de atividades.

Palavras-Chave: Livro didático; Novo Ensino Médio; História e Literatura.

Abstract: With the approval of Law nº 13.415/2017, which amended the Law of Guidelines and Bases of National Education and established the New Secondary School, and consequently brought a new way of organizing the curriculum, most of the disciplines were grouped under a single collection of textbooks, such as History, Geography, Philosophy and Sociology, which lost their individual manuals and are currently distributed in books called Applied Human and Social Sciences. The purpose of this article is to analyze the use of literature as a historical source in Human and Applied Social Sciences textbooks for New High School. The methodology employed includes the analysis of 18 textbooks of the National Textbook Program - PNLD 2021, corresponding to three collections made available to students and teachers by the Ministry of Education. It was verified that the authors resort to literature in a punctual way, almost always in the form of poems that are contained in the activity suggestions.

Keywords: Textbook; New High School; History and Literature.

Introdução

Ao longo da história da educação do Brasil, os livros didáticos foram e ainda são utilizados como uma maneira de transmissão de conhecimento para os educandos. Pela sua notoriedade, determinados temas e conteúdos ganharam relevância ou tentou-se “suavizar”²⁸ determinados assuntos, como defendia o ex-presidente do país, Jair Bolsonaro (2019 – 2022).

A depender da fase política da história, o livro didático passou a atingir parcela mais ampla da sociedade à medida em que foi se popularizando e ganhando funções cada vez mais relevantes, tanto para os professores, como para estudantes; consequentemente sendo peça de adequação e controle. Em 2020, o livro didático foi novamente objeto de debate entre políticos, educadores, autores e o mercado editorial, que buscou adequar a proposta a ser apresentada nas novas coleções que seriam ofertadas para o Novo em Ensino Médio, em meio às polêmicas e falas do ex-presidente Jair Bolsonaro, que já havia criticado e negado a forma como temas relacionados à Ditadura Civil-Militar brasileira eram abordados nos livros de História.

Em matéria publicada pelo Carta Capital em 14 de janeiro 2020, analisava-se o caos instaurado nas editoras para a elaboração dos novos manuais didáticos, mediante as declarações do presidente à época. Comparava-se aquele momento aos anos seguidos após o golpe de 1964: “Quase seis décadas depois, a história parece se repetir”. Afirmava-se que “a seleção do material *abriria* um novo terreno de batalha ideológica na educação, talvez o setor mais aviltado pelos novos donos do poder”²⁹. Os impactos imediatos desse novo período foram sentidos em todos os aspectos dos livros didáticos. Segundo a mesma reportagem do jornal citado, “os livros da nova fornada *deveriam* ter entre 160 e 320 páginas, conforme as regras do edital do Programa Nacional do Livro Didático (...). Antes, podiam ter até 1.000 páginas” (OLIVEIRA, 2020, grifo nosso). Perdeu-se não somente volume na forma física, o que interfere diretamente na maneira de expor os conteúdos, assim como o uso de recursos didáticos pelos autores, mas principalmente a independência na elaboração dos temas e metodologias diversas

²⁸ A frase refere-se ao ex-presidente Jair Bolsonaro, ao fazer críticas e defender mudanças no livro didático, afirmando que eles possuíam “Muita coisa escrita, tem que suavizar”. GULLINO, Daniel, GRANDELLE Renato e FERREIRA, Paula. *O Globo*, 03 jan. 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-defende-mudanca-em-livros-didaticos-muita-coisa-escrita-tem-que-suavizar-24170001> Acesso em: 04 jan. 2023.

²⁹ OLIVEIRA, Thaís Reis. *Carta Capital*, 14 jan. 2020. *Grifo nosso*. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/o-que-esperar-da-primeira-fornada-de-livros-didaticos-sob-bolsonaro/> Acesso em: 04 jan. 2023.

ao longo das páginas. Afirmava a matéria do Carta Capital: “Perde-se assim muito da base científica e pedagógica para preparar as aulas. Ganha-se em troca o apoio de vídeos de até 10 minutos com linguagem “atrativa” e de “fácil entendimento”, como os do YouTube” (OLIVEIRA, 2020), restringindo os conteúdos antes abordados de forma mais ampla, a um quase pequeno resumo sobre o tema.

As editoras tiveram que se adequar à clara definição dos temas que o governo reprovava nos livros didáticos! Dependentes da aprovação, aquisição e distribuição dos seus exemplares pelo poder público, “as editoras têm eliminado em casa, desde o ano passado, eventuais “polêmicas” que possam desagradar e atrapalhar os negócios. O conteúdo muitas vezes é alterado ainda na fase inicial de produção” (OLIVEIRA, 2020). Para evitar a reprovação das suas coleções, as editoras, assim como sugeriu Bolsonaro, buscaram “suavizar” os conteúdos, acerca da ditadura civil-militar, sendo “improvável, (...) que uma foto de protestos esteja estampada em destaque” (OLIVEIRA, 2020).

Diante desse cenário, verificou-se que a escalada de melhoramento do livro didático, com ações como a criação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)³⁰, e as mudanças na legislação implantadas ao longo dos anos 1990 e 2000, sofreu uma mudança significativa após o 2017, com aprovação do Novo Ensino Médio, por meio do qual as disciplinas foram praticamente abolidas em favor de uma abordagem interdisciplinar³¹, e aspectos relevantes dos conteúdos antes estudados nos livros, tiveram que ser suprimidos pelos autores e editoras, para se adaptarem à nova legislação, aos discursos do governo Jair Bolsonaro, bem como à limitação de páginas que possuíam para trabalhar.

Embora tenha permanecido a possibilidade de escolha do livro didático para adotar no seu ambiente de trabalho pelos professores, entre os aprovados pelo Conselho Nacional de Educação, o material didático, que antes já possuía lacunas e recebia diversas críticas, entre elas, não contemplar a

³⁰ A partir de 2017, “com a edição do Decreto nº 9.099, de 18/07/2017, os Programas do Livro foram unificados. (...) As ações de aquisição e distribuição de livros didáticos e literários, anteriormente contempladas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e pelo Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), foram consolidadas em um único Programa, chamado Programa Nacional do Livro e do Material Didático – PNLD” (BRASIL, 2020, p. 01).

³¹ De acordo com as *Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica*, “a interdisciplinaridade pressupõe a transferência de métodos de uma disciplina para outra. Ultrapassa-as, mas sua finalidade inscreve-se no estudo disciplinar. Pela abordagem interdisciplinar ocorre a transversalidade do conhecimento constitutivo de diferentes disciplinas, por meio da ação didático-pedagógica mediada pela pedagogia dos projetos temáticos”. BRASIL, 2013, p. 28.

realidade de muitas localidades do Brasil, passou a se distanciar ainda mais do real cotidiano de professores e alunos brasileiros com as novas adequações no currículo³².

É sabido que o livro didático não está isento de influências do meio em que é produzido, uma vez que os autores que elaboram esses manuais possuem interferências teóricas e metodológicas que foram adquirindo ao longo da sua formação, e isso é refletido na escrita. Embora sejam elaborados com base em editais do Ministério da Educação, que regulamenta as diretrizes que devem ser priorizadas na confecção do material didático, além de passar por uma série de análises e revisões antes de ser aprovado para escolha e distribuição³³, o livro é composto por meios e modos que cada autor adota para estruturar o seu material. Segundo Choppin (2004, p. 561), ao analisar o livro didático é preciso considerar “as regras que o poder político, ou religioso, impõe aos diversos agentes do sistema educativo, quer seja no domínio político, econômico, linguístico, editorial, pedagógico ou financeiro”.

É diante dessa discussão, que este artigo se propõe a analisar as coleções de livros didáticos da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, que contemplam as disciplinas História, Geografia, Sociologia e Filosofia, distribuídas através do PNL D 2021, para alunos que foram inseridos no Novo Ensino Médio, lançando os seguintes questionamentos: os livros didáticos de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, utilizam a literatura como fonte para a construção do conhecimento histórico? De que forma a literatura é colocada em diálogo com as ciências humanas e sociais no livro didático do Novo Ensino Médio?

O livro didático, o Novo Ensino Médio e a Base Nacional Comum Curricular

Presente no cotidiano escolar brasileiro, o livro didático é considerado um “instrumento específico de trabalho na sala de aula”, pois possui o poder de informar, induzir a reflexão, introduzir problemáticas, além de sistematizar os conhecimentos já dominados, sintetizar informações e

³² Na concepção de Silva (2010, p. 15), “o currículo é sempre o resultado de uma seleção: de um universo mais amplo de conhecimentos e saberes seleciona-se aquela parte que vai constituir, precisamente, o currículo. (...) Selecionar é uma operação de poder. Privilegiar um tipo de conhecimento é uma operação de poder”.

³³ Segundo Munakata (2012, pp. 61-62, grifo nosso), desde 1996 “instituiu-se a avaliação prévia, pela qual os livros didáticos inscritos no Programa passaram a ser examinados por especialistas. Somente os livros que obtivessem o parecer favorável poderiam ser escolhidos pelos professores. *Para ele*, não é impossível que tal situação tenha incentivado a produção de livros direcionada não diretamente aos professores e aos alunos, mas aos avaliadores, geralmente recrutados da universidade e, segundo a crítica corrente, nem sempre habituados às práticas de sala de aula. Nessa situação, as editoras, ao menos no Brasil, buscam cada vez mais se adequar às exigências do governo, que se traduzem em Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) e nas determinações específicas de cada edital do PNL D, além das idiossincrasias dos avaliadores”.

conceitos e propiciar “vivências culturais literárias e científicas” (BRASIL, 1998, p. 79). A ação de fazer a escolha do manual específico com que se deseja trabalhar, muitas vezes pode implicar na “transferência parcial ou integral, para o autor do material e editores responsáveis, da definição dos objetivos, abordagens, conteúdos, métodos e recursos didáticos trabalhados nas salas de aula” (BRASIL, 1998, p. 79). Assim, o livro didático é um aparelho que possui função determinante para diversos agentes e sujeitos.

Para o Estado e algumas escolas particulares, representam um instrumento de controle do sistema escolar, a garantia de uma certa qualidade de ensino e a difusão de valores. Para o professor, asseguram um modelo de prática, segurança no processo de desenvolvimento do trabalho e eficiência na transmissão de conteúdos exigidos por programas ou currículos. Para as famílias, expressam um sinal de qualidade da educação. E para a indústria editorial garantem mercado certo e seguro (BRASIL, 1998, p. 79).

Segundo Silva (2012), remonta do século XIX a presença e uso do livro didático no Brasil, após a criação do Colégio Pedro II, na década de 1830. Os manuais eram importados e dispostos em francês ou mesmo possuindo versões em português, tendo direta influência europeia e buscando atender aos interesses das elites locais.

Mudanças significativas nessa realidade só vieram ocorrer praticamente cem anos depois, durante o governo de Getúlio Vargas, quando os livros didáticos passaram a ser produzidos em escala mais ampla no Brasil, sofrendo forte influência do governo centralizador após 1938, quando “foi criada a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD), que tinha como subordinadas as Comissões estaduais de livros didáticos (CELD), estabelecendo o controle político e ideológico da produção e distribuição de livros didáticos no país pela ditadura Vargas” (SILVA, 2012, p. 808). Daí em diante, em cada período da história do Brasil, o livro didático e a sua própria história enquanto recurso pedagógico passaram por transformações, ganhando expansão e representando peça importante no meio educacional, mesmo com as interferências políticas que sofreu, como após 1964 até a redemocratização, quando foi instituído o já citado PNLD.

Pode-se dizer que de modo prático, o livro didático tem sido utilizado pelo professor “para preparação de “suas aulas” em todos os níveis da escolarização, quer para fazer o planejamento do ano letivo, quer para sistematizar os conteúdos escolares, ou simplesmente como referencial na elaboração de exercícios ou questionários” (BITTENCOURT, 1993, p. 02). Por sua importância referencial e multifunção, o livro didático deve ser visto de modo amplo. De acordo com Marisa Lajolo (1995, p. 05),

Todos os componentes do livro didático devem estar em função da aprendizagem que ele patrocina. Como um livro não se constitui apenas de linguagem verbal, é preciso que todas as linguagens de que ele se vale sejam igualmente eficientes. O que significa que (...) suas ilustrações, diagramas e tabelas devem refinar, matizar e requintar o significado dos conteúdos e atitudes que essas linguagens ilustram, diagramam e tabelam. Num livro didático, tudo precisa estar em função da situação coletiva da sala de aula, para com ele se aprenderem conteúdos, valores e atitudes específicos, sendo que se espera que a aprendizagem não se processe apenas pela leitura das informações que o livro fornece, mas também pela realização das atividades que ele sugere.

É possível inferir, portanto, que o livro didático deve ser analisado como um produto em todos os seus componentes, linguagens e recursos que apresenta. Embora essa citação refira-se a um texto elaborado na década de 1990, e o livro didático tenha passado por transformações ao longo do século atual, na tentativa de torná-lo despertador de um olhar crítico e menos conteudista, com a adoção de textos complementares e da interpretação de diferentes fontes, como literárias e imagéticas, é válido pensar, mesmo diante de todas as implicações e funções que ele desempenha, que são passíveis de críticas, que o livro didático é para professores e alunos que não possuem acesso a outros meios de adquirir conhecimento, uma forma eficiente de transmissão e moldagem da educação no Brasil, mesmo se considerando a perda da autonomia das disciplinas com a reforma trazida pelo Novo Ensino Médio, aprovada em 2017.

Na análise de Choppin (2004, p. 552), os livros escolares possuem múltiplas funções, dentre elas, quatro essenciais, “que podem variar consideravelmente segundo o ambiente sociocultural, a época, as disciplinas, os níveis de ensino, os métodos e as formas de utilização”. São elas:

1) Função referencial: (...) *constituindo* o suporte privilegiado dos conteúdos educativos, o depositário dos conhecimentos, técnicas ou habilidades que um grupo social acredita que seja necessário transmitir às novas gerações. 2) Função instrumental: *pondo* em prática métodos de aprendizagem, propõe exercícios ou atividades que, segundo o contexto, visam a facilitar a memorização dos conhecimentos, favorecer a aquisição de competências disciplinares ou transversais, a apropriação de habilidades, de métodos de análise ou de resolução de problemas. 3) Função ideológica e cultural: *se afirmando* como um dos vetores essenciais da língua, da cultura e dos valores das classes dirigentes. Instrumento privilegiado de construção de identidade, geralmente ele é reconhecido, assim como a moeda e a bandeira, como um símbolo da soberania nacional e, nesse sentido, assume um importante papel político. 4) Função documental: acredita-se que o livro didático pode fornecer, sem que sua leitura seja dirigida, um conjunto de documentos textuais ou icônicos, cuja observação ou confrontação podem vir a desenvolver o espírito crítico do aluno (CHOPPIN, 2004, p. 553, grifo nosso).

A análise das funções do livro didático definidas pelo autor, implica na interpretação de alguns pontos específicos: o fato de ser referência e depositário onde são determinados e expostos conteúdos

considerados necessários para serem aprendidos pelos educandos, torna-o tanto elemento de instrução como de limitação, pois os seus conteúdos são selecionados em detrimento de outros, e até aspectos desses mesmos conteúdos acabam sendo privilegiados enquanto algumas partes são desprezadas. Isso faz do livro didático um manual-resumo, um guia básico que traz aspectos mínimos de cada tema, entre os selecionados, seguidos de atividades ou exercícios, que segundo a proposta, servem para o aluno praticar o que foi aprendido anteriormente. Ao privilegiar determinados temas, também acaba favorecendo aspectos relacionados à uma região. Em um país continental como o Brasil, a história, a geografia e a literatura regionais do Nordeste, do Norte e do Centro-Oeste, são geralmente menos abordadas nos livros didáticos ante as das regiões Sul e principalmente Sudeste, forjando uma identidade histórica em torno dessa parte do país, concedendo pouco destaque aos acontecimentos que ocorreram no restante do Brasil e que também foram decisivos.

Diante disso, podemos levantar a hipótese de que um aluno que viva em algum Estado da Amazônia ou no interior do Nordeste, não tenha identificação com a paisagem e textos que encontra no livro didático, não conheça minimamente a história a sua cidade, ou sequer do seu estado, além de acreditar que a literatura e a cultura quase sempre só são produzidas pelos outros distantes do seu local de origem. Por isso, embora possua uma importância fulcral para professores e alunos, é inegável que o livro didático possui muitas lacunas na sua própria constituição e tem intenção direcionada a privilegiar determinados aspectos ideológicos ou políticos.

Enquanto documento, o livro didático pode ser analisado por diferentes ângulos. O seu próprio modo de se fazer e/ou ser elaborado, vai registrando a história do país, quando conteúdos ganham maior ou menor importância e até mesmo são excluídos dos seus capítulos. Os novos livros que chegaram às escolas públicas brasileiras para serem usados a partir do ano letivo de 2022, trazem as marcas dessas transformações.

A aprovação da Lei nº 13.415/2017, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, trouxe uma mudança significativa na estrutura do ensino médio brasileiro, ampliando a carga horária³⁴, além de uma nova organização curricular, considerada “mais flexível, que contemple uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a oferta de diferentes possibilidades de escolhas aos

³⁴ Com o Novo Ensino Médio a carga horária mínima que antes era de 800 horas aulas anuais, passou a contar com pelo menos 1.000 horas. Das 3.000 horas de curso ao longo dos três anos, 1.800 serão dedicadas ao estudo de conhecimentos considerados essenciais presentes na BNCC, na formação básica. As 1.200 horas restantes ficam para os denominados itinerários formativos, à escolha do estudante, de acordo com as suas preferências e projetos para o seu futuro (BOULOS JÚNIOR, 2020).

estudantes, os itinerários formativos, com foco nas áreas de conhecimento e na formação técnica e profissional³⁵. Com essa mudança, as disciplinas foram agrupadas em áreas do conhecimento, somando quatro ao todo, e as antigas disciplinas História, Geografia, Sociologia e Filosofia, passaram a fazer parte da área denominada Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Esse agrupamento, segundo a proposta do Ministério da Educação,

não exclui necessariamente as disciplinas, com suas especificidades e saberes próprios historicamente construídos, mas, sim, implica o fortalecimento das relações entre elas e a sua contextualização para apreensão e intervenção na realidade, requerendo trabalho conjugado e cooperativo dos seus professores no planejamento e na execução dos planos de ensino (BRASIL, 2009, p. 08).

Além disso, a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas³⁶,

propõe a ampliação e o aprofundamento das aprendizagens essenciais desenvolvidas no Ensino Fundamental, sempre orientada para uma formação ética. Tal compromisso educativo tem como base as ideias de justiça, solidariedade, autonomia, liberdade de pensamento e de escolha, ou seja, a compreensão e o reconhecimento das diferenças, o respeito aos direitos humanos e à interculturalidade, e o combate aos preconceitos de qualquer natureza (BRASIL, 2018, p. 561).

Diante do exposto, os livros didáticos sofreram adaptações substanciais para agrupar as diferentes áreas do conhecimento em um único manual, caracterizados da seguinte forma:

Os livros de cada área do Novo Ensino Médio são compostos por seis volumes, que compõem uma coleção e não estão divididos segundo os componentes curriculares específicos nem possuem uma serialização ou forma de indicação cronológica linear a ser seguida pelos professores. Cada uma das dezoito unidades estabelece diálogos interdisciplinares e transversais com base em distintos conceitos e procedimentos oriundos da área do conhecimento de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Os tempos e os espaços de aprendizagem são definidos pelas relações que se estabelecem entre professores e estudantes, que assim podem ter na coleção um aliado para a realização do desafio de desenvolver competências e habilidades (MAIDA, 2020, p. XLIII)

A interdisciplinaridade é um conceito muito presente em toda a proposta da BNCC, e a parte destinada às orientações dos professores busca enfaticamente reforçá-la no livro didático, compreendendo-se que o percurso metodológico adotado pelos mesmos na elaboração dos livros

³⁵ BRASIL. Ministério da Educação. Novo Ensino Médio - perguntas e respostas. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361>. Acesso: 06/01/2022.

³⁶ A área está, segundo a BNCC, estruturada em seis competências específicas e 32 habilidades que possuem relação com essas competências, contemplando as quatro disciplinas que compõem a área de Ciências Humanas e Sociais aplicadas (BOULOS JÚNIOR, 2020). Para conhecer de forma detalhada as competências e habilidades aqui mencionadas ver: BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf.

toma como base esse pressuposto. Em duas das coleções analisadas, o entendimento é de que a interdisciplinaridade coloca “em diálogo a organização do conhecimento sem dissolver as fronteiras disciplinares (MAIDA, 2020, p. XIX), e dessa forma, “o conhecimento disciplinar não é descartado, destruído e tampouco diluído na BNCC. O que ocorre é a organização desse conhecimento de maneira que seja possível a composição de quadros maiores para a compreensão dos fenômenos” (BOULOS JÚNIOR, 2020, p. 79). Nesse processo, a diretriz instituída direciona ao jovem grande protagonismo, adotando o termo “juventudes”, buscando entender as “culturas juvenis em sua singularidade” reconhecendo os jovens como participantes ativos das sociedades nas quais estão inseridos” (BRASIL, 2018, p. 463), e a instituição escolar deve direcioná-los para a criticidade e a descoberta da investigação através do uso de metodologias ativas, dando ao estudante o “estímulo à autonomia, a criação de espaços nos quais se desenvolvam problematizações e reflexões acerca da realidade e desenvolvimento da produção do conhecimento de forma individual e coletiva” (BOULOS JÚNIOR, 2020, p. 193).

As coleções de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e o uso da literatura como fonte histórica

Considerando o protagonismo juvenil no Ensino Médio e as aprendizagens a que devem ter acesso, a BNCC da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, foi concebida com a proposta de “tematizar e problematizar algumas categorias da área”, consideradas imprescindíveis à formação dos estudantes, que são: “Tempo e Espaço; Territórios e Fronteiras; Indivíduo, Natureza, Sociedade, Cultura e Ética; e Política e Trabalho” (BRASIL, 2018, p. 562). De modo geral, essas categorias devem perpassar todos os componentes curriculares da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, tendo interrelação com as competências e habilidades também definidas na BNCC, estando presentes nos livros didáticos através de diferentes abordagens.

Para entender os pares de categorias estabelecidas na BNCC, e de modo especial essas divisões dentro da História, é necessário ter a compreensão de que a “História é o universo de experiências humanas no tempo, como tempo”, e de que ao passo em que a História pode dedicar-se a analisar e entender “qualquer experiência humana, a interdisciplinaridade é regra básica de sua existência: conteúdos e procedimentos de diferentes componentes curriculares interessam ao pensamento histórico, sem que isso signifique substituir a especificidade do trabalho em cada um daqueles saberes” (SILVA, 2016, p. 147).

No âmbito historiográfico, as novas possibilidades de usos de fontes e análises de temas surgidas a partir das propostas teóricas e metodológicas dos *Annales* ocorridas no século XX, permitiu a existência de um diálogo mais próximo entre a história e a literatura, quando “historiadores pioneiros – incorporando técnicas narrativas introduzidas pela literatura e pelo cinema moderno – ousaram retomar a narrativa historiográfica” (BARROS, 2008, p. 46, grifo nosso).

Principalmente a partir dos anos 1990, os trabalhos que possuem a literatura como fonte se expandiram no Brasil, passando a ser “uma das temáticas mais promissoras em termos de pesquisas e trabalhos publicados” (PESAVENTO, 2006, p. 03). Na análise de Nicolau Sevensen (1995, p. 21), “a literatura (...) fala ao historiador sobre a história que não ocorreu, sobre as possibilidades que não vingaram, sobre os planos que não se concretizaram. Ela é o testemunho triste, porém sublime, dos homens que foram vencidos pelos fatos”. Enquanto narrativa, pode-se dizer que a (...) “a História é uma espécie de ficção, ela é controlada, e, sobretudo pelas fontes, que atrelam a criação do historiador aos traços deixados pelo passado. [...] A História se faz como resposta a perguntas e questões formuladas pelos homens em todos os tempos” (PESAVENTO, 2003, 58-59).

Elemento decisivo nesse debate, é a posição da história como narrativa³⁷, pois são “os fragmentos que a documentam”, ao serem interpretados pelo historiador que possibilitam o conduto da escrita historiográfica. Esses documentos ou fontes, nascem de naturezas diversificadas, entre elas a literária, indo “desde a literatura de viagens, aos romances, crônicas, poemas, ensaios... que possam, cada qual com suas características específicas, ao dizer do passado no presente e projetar futuros, a temporalidade portanto, constituir apoio para o que denominamos conhecimento histórico” (CAMIOTTI e NAXARA, 2009, p. 40). Com ponto de encontros bem próximos, história e literatura são meios narrativos que possuem elementos de partida temas e objetos comuns, uma vez que “história e literatura correspondem a narrativas explicativas do real que se renovam no tempo e no espaço” (PESAVENTO, 2006, p. 02). Levando em conta ainda que todas as experiências narrativas pressupõem formas criativas de visualizar o tempo” (BARROS, 2008, p. 47), é possível concluir que “literatura e história são narrativas que tem o real como referente, para confirmá-lo ou negá-lo, construindo sobre ele toda uma outra versão [...]. Como narrativas, são representações que se referem à vida e que a explicam” (PESAVENTO, 2006, p. 03), porém é importante mencionar que a narrativa

³⁷ Hayden White, defendia a aproximação entre a narrativa história e literária, afirmando que a narrativa história trata-se de uma “ficção verbal”, associando o trabalho do historiador ao do literato. WHITE, Hayden. *O Trópico dos discursos: ensaios sobre da cultura*. São Paulo: EDUSP, 2001.

histórica obedece a critérios metodológicos e científicos para tecer a sua análise dos fatos, enquanto a literatura não necessariamente deve ter esse compromisso.

Propriamente dito, a narrativa literária, enquanto ficção, possibilita ao historiador formular uma interpretação sobre eventos e uma dada época, questionando as concepções autorais expostas no texto fictício, bem como traços do comportamento individual e do grupo social do tempo e do lugar em que foi produzida. De forma intencional ou não, o literato, seja na crônica, no romance, no poema ou em qualquer outro texto do gênero literário, é capaz de expressar dados que mais tarde podem ser interpretados à luz da história das mentalidades, permitindo aos historiadores conhecerem diferentes formas de pensar e viver em uma determinada época.

No cotidiano escolar, as fontes literárias podem ter a função de “aproximar o aluno do objeto de estudo, identificá-lo, analisá-lo, contextualizá-lo e valorá-lo. E permitem também perceber melhor as mudanças e continuidades entre o passado e o presente, tanto em relação às fontes da época, como em relação às obras recentes” (BLANCH, 2003, p. 36). É diante dessa possibilidade que corroboramos que história e a literatura podem ser trabalhadas no ensino de história de duas formas díspares: a primeira, tomada como fonte para se alcançar o conhecimento histórico de modo precisamente histórico, a segunda associada a um plano interdisciplinar onde história e literatura são tidas como fontes narrativas de sentidos confluentes na aprendizagem de aspectos históricos de um dado período ((BLANCH, 2003).

É partindo desse pressuposto que este trabalho se propõe a responder os questionamentos anteriormente lançados. Antes de partirmos para a análise desejada, faz-se necessário situar de forma técnica o material que será analisado.

Quadro 01: Características técnicas da primeira coleção didática analisada

Coleção: “Multiversos: ciências humanas”, 6 volumes. Organizada por Alfredo Boulos Júnior, Edilson Adão e Laércio Furquim Júnior.
Editora: FTD.
Formação acadêmica dos autores: – Alfredo Boulos Júnior: Doutor em educação com concentração em História da Educação e Mestre em Ciências com concentração em História Social. – Edilson Adão: Mestre em Ciências com concentração em Geografia humana.

– Laércio Furquim Júnior: Mestre em Ciências com concentração em Geografia humana.

Quadro 02: Características técnicas da segunda coleção didática analisada

Coleção: “Interação humanas”, 6 volumes. Coordenada por Judith Nuria Maida.
Editora: Editora do Brasil
Formação acadêmica dos autores: A coleção, além da coordenadora, possui mais dez autores, com formações que contemplam as quatro disciplinas que formam a área de Ciências humanas e Sociais Aplicadas.

Quadro 03: Características técnicas da terceira coleção didática analisada

Coleção: “Conexão mundo”, 6 volumes. Organizada por Leandro Gomes.
Editora: Editora do Brasil
Formação acadêmica dos autores: – Leandro Gomes: bacharel e licenciado em Geografia. – Natália Salan Marpica: doutora em Sociologia. – Priscila Mandrinati: Bacharel em História e mestra em Ciências com concentração em humanidades. – Sabiana Maura da Silva: doutora em Educação e mestra e licenciada em Filosofia.

A exposição detalhada de características técnicas e também da composição acadêmica dos autores que elaboraram os livros analisados, visa verificar o caráter multidisciplinar da autoria das obras. Pelo visto anteriormente, os livros são formados por conteúdos referentes às quatro disciplinas da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas: História, Geografia, Sociologia e Filosofia. No mosaico acadêmico dos autores, a coleção comandada por Alfredo Boulos Júnior, autor de várias coleções de livros didáticos de História do Ensino Fundamental e Médio, é composta por ele, com formação em História e mais dois autores com titulação em Geografia, não havendo entre eles autores com formação em filosofia ou sociologia. A coleção coordenada por Judith Nuria Maida, é a mais plural entre as três, quando analisado o aspecto formação acadêmica dos autores. Composta por onze autores, a coleção é contemplada por titulados nas quatro disciplinas já citadas, embora haja maior concentração entre eles para História e a Geografia. A coleção encabeçada por Leonardo Gomes, é a

que possui maior equilíbrio entre as áreas. São quatro autores, sendo cada um com formação em algum grau acadêmico em uma das disciplinas que compõe os seis livros.

Mesmo considerando a interdisciplinaridade proposta pela BNCC para o Ensino Médio, e ainda que estejam as editoras condicionadas às demandas de mercado, é importante destacar que as influências teóricas e metodológicas acumuladas por um profissional ao longo da sua formação acadêmica, influencia na sua escrita e também nas suas escolhas no momento da elaboração do livro didático, que por sua natureza, possui muitos aspectos que são bastante particulares. Embora devam ser compostos de maneira interdisciplinar, a ausência de autores com formação ou habilitação em determinada área do conhecimento na elaboração de um livro didático que aborda conteúdo de uma disciplina específica, pode abrir lacunas na composição dos capítulos, seja negligenciando determinados temas ou conceitos em prol de outros que a ele pode ser mais familiar, assim como deixando de utilizar fontes e métodos que são mais comuns à determinada área do conhecimento, como, por exemplo, a literatura no ensino de História. Tema bastante debatido e instigado no seio acadêmico historiográfico, possivelmente pode ser enfoque desconhecido para autores que não possuem formação na área, e ainda assim assinam uma obra que leva os seus conteúdos. O exemplo citado é ilustrativo e específico, mas que abre espaço para a discussão que envolve todas as áreas do conhecimento que compõem os livros didáticos.

Dito isso, cabe verificar e analisar os questionamentos lançados para a elaboração deste texto: os livros didáticos de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, utilizam a literatura como fonte de construção do conhecimento histórico? De que forma a literatura é colocada em diálogo com as ciências humanas e sociais no livro didático do Novo Ensino Médio? Para responder a esta primeira pergunta, expomos as tabelas abaixo:

Tabela 01: Usos da literatura como fonte histórica nos livros didáticos da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, coleção **“Multiversos: ciências humanas”**, organizada por Alfredo Boulos Júnior, Edilson Adão e Laércio Furquim Júnior.

Subtítulo da coleção ³⁸	Obra e autor	Objetivo para que foi usado
Globalização, tempo e espaço	–	–
Populações, territórios e fronteiras	<p>Poema “Mama Negra”, Viriato da Cruz.</p> <p>Poema “Adeus à hora da largada”, Agostinho Neto.</p> <p>Poema “Monangamba”, Antonio Jancinto.</p> <p>Poema “Enquanto escrevo”, Grada Kilomba.</p>	<p>Introduzir o capítulo sobre as independências da África e da Ásia.</p> <p>Disponível na parte destinada às atividades, com a finalidade de dar subsídio à resolução de perguntas sobre as independências da África e da Ásia.</p> <p>Disponível na parte destinada às atividades, com a finalidade de dar subsídio à resolução de perguntas sobre a resistência dos povos africanos aos colonizadores.</p> <p>Disponível na seção “Jovens em ação”, traz após o poema, um conjunto de perguntas e atividades que devem ser realizados pelos estudantes.</p>
Sociedade, natureza e sustentabilidade	–	–
Trabalho tecnologia e desigualdade	Poema “Reflexo condicionado”, Antonio Carlos Brito.	Dialogar sobre o conceito de Produto interno bruto – PIB, na abertura do capítulo sobre trabalho, indicadores e desigualdades sociais. O poema é seguido de dois questionamentos que devem ser respondidos pelos estudantes após análise dos versos.

³⁸ Os livros das três coleções foram colocados na ordem numérica dos três dígitos finais do código de cada uma delas.

Ética, cultura e direitos	“A Divina Comédia”, Dante Alighieri.	Faz menção rápida à obra “A Divina Comédia” para introduzir os conceitos das ideias iluministas, trazendo na sequência uma pergunta sobre a representação do universo concebido pelo autor nessa obra.
Política, conflitos e cidadania	–	–

Fonte: BOULOS JÚNIOR, Alfredo Boulos, SILVA, Edilson Adão da e FURQUIM JUNIOR, Laércio. Multiversos: ciências humanas (...). FTD, 2020. Volumes da coleção identificados na tabela.

Dos seis volumes comandados por Boulos Júnior, três deles fazem uso de algum gênero literário nos seus capítulos, com destaque para o volume “populações, territórios e fronteiras”, que recorre a poemas em quatro oportunidades. Esse é um dos pontos a serem observados: a opção dos autores pelos poemas. Das seis vezes em que o recurso literário foi utilizado, cinco foram poesias. Outro dado importante é que em apenas uma dessas ocasiões um poema é utilizado em um conteúdo para a análise de um fato histórico.

Embora possamos considerar que o recurso literário é posto com certa frequência nessa coleção, além da concentração de poemas, como já citamos, outro aspecto pode ser identificado: quase sempre são evocados como objeto provocador de questionamentos que devem ser respondidos pelos estudantes; quando não fixados ao final do capítulo para dar subsídio a alguma atividade, aparecem no interior do mesmo quase sempre suscitando alguma resposta, com atividades que abordam questões tanto gerais como específicas sobre os temas estudados, como, por exemplo: “como pode ser interpretado o trecho (...)?; em que contexto essa poesia foi escrita? O que o autor quis dizer com (...) (*cita outro trecho*); o que a leitura do poema pode concluir e está explícito?; o que a leitura do poema permite concluir e está (implícito?) (...)” (BOULOS JÚNIOR, 2020, p. 79, vol. Populações, territórios e fronteiras, grifo nosso).

É deveras importante compreender que a própria História instiga o uso de fontes literárias como objeto de questionamento e também de respostas para a interpretação de fatos históricos, porém a forma como o gênero literário é posto nos capítulos, leva a entender que a compreensão da literatura enquanto discurso narrativo que auxilia a história na construção do conhecimento histórico é limitada a pequenos espaços, e visto como suporte didático para o levantamento de questões, e não propriamente como fonte norteadora que pode ser fonte de construção da narrativa histórica

apresentada. Nesse ponto, a literatura é usada para fomentar a análise do tema, e pouco para auxiliar na elaboração de um discurso que é exposto dentro do capítulo. Em relação à seleção dos poemas, destaca-se a maior opção por literatos de origem estrangeira, principalmente africanos, que não pertencem ao panteão de clássicos da literatura nacional ou internacional, com exceção de Dante Alighieri.

Tabela 02: Usos da literatura como fonte histórica nos livros didáticos da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, coleção **“Interação humanas”**, coordenada por Judith Nuria Maida.

Subtítulo da coleção	Obra e autor	Objetivo para que foi usado
A formação das sociedades e das civilizações no Brasil e no mundo	Breve texto explicativo sobre literatura de cordel. Livro “A Pedra do reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta”, Ariano Suassuna. Livro “Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis”, Jarid Arraes.	Aborda a literatura de cordel como expressão artística para entendimento do processo de formação do Brasil e da sociedade brasileira, sem citar nenhuma obra ou trecho de algum cordel. Livro indicado como dica de leitura acerca de temas da cultura popular brasileira. Livro indicado como dica de leitura sobre heroínas negras na História do Brasil.
Trabalho e transformação na vida humana	–	–
O poder econômico e a construção da autonomia dos povos e países	Livro “Decamerão”, Giovanni Boccaccio. Poema “Mar português”, Fernando Pessoa.	Mostra uma citação do livro com a finalidade de contextualizar sobre as doenças no passado, em especial na idade média, fazendo paralelo com a atualidade. Disponível na parte destinada às atividades, com a finalidade de dar subsídio à resolução

	Poema “Vozes-mulheres”, Conceição Evaristo.	de perguntas sobre as navegações portuguesas no início da era moderna. Exposto com a finalidade de reforçar a análise sobre a “ideia de raça e as mulheres negras”, seguido de três perguntas que devem ser respondidas com base na análise do poema.
Sociedade brasileira: conflitos, tensões e a juventude	Livro “Jeca Tatu”, Monteiro Lobato.	Introduzir sobre aspectos da situação do homem do campo no começo da república brasileira. Faz uma breve explicação da obra, seguida de uma pergunta sobre ela.
O Brasil e o mundo na atualidade	Livro “Capão pecado”, Ferréz.	Menciona o movimento literário denominado “literatura marginal” e cita um trecho de uma obra pertencente a esse movimento, exemplificando-o.
As sociedades humanas, seus desafios e percursos	Livro “O mulato”, Aluísio Azevedo. Poema “Sou Imigrante”, Moisés Antonio.	Trecho do livro contido na parte destinada às questões de Enem e Vestibulares, com a finalidade de resolução de uma pergunta sobre a escravidão negra no Brasil. Poema exposto na parte destinada às questões de Enem e Vestibulares, com a finalidade de resolução de uma pergunta sobre a imigração estrangeira para o Brasil.

Fonte: MAIDA, Judith Nuria (coord.). *Interação humanas (...)*. São Paulo: Editora do Brasil, 2020. Volumes da coleção identificados na tabela.

A coleção coordenada por Judith Maida, é entre as três a que mais recorre à literatura e a diferentes gêneros literários na composição dos conteúdos, nos seis volumes que ela assina com os demais autores. Apenas um volume não traz o diálogo entre as duas formas narrativas, e a distribuição entre os livros chega a ser quase equilibrada. Como na primeira obra analisada, recorre-se também ao uso de poesias, porém abre espaço para os demais gêneros literários, incluindo a literatura de cordel, que é mencionada de forma explicativa, embora não haja citação de nenhum texto específico. Na seção

intitulada #ficadica, são indicadas duas obras para leitura, bem como uma breve explicação delas. Há clara opção por autores e obras ditas clássicas, como Monteiro Lobato, Fernando Pessoa, Aluísio Azevedo e Conceição Evaristo.

Para além das indicações e explicações de tendências literárias, apenas o trecho do livro “Decamerão”, é utilizado como fragmento para explicar um momento histórico através da literatura. Na exposição sobre a peste bubônica na idade média, após explicação e uso de uma imagem sobre o tema, um trecho do livro de Giovanni Boccaccio é colocado como registro do acontecimento retratado, juntamente com um texto do historiador Georges Duby. Vemos que essa é a única ocasião nas três coleções analisadas que o texto literário é colocado como fonte ou recurso para a explicação de um fato histórico, pondo em exercício direto o diálogo entre a história e a literatura. Nos demais casos, o texto literário seja ele poema ou não, é posto sequenciado de questões a serem respondidas, porém diferentemente da primeira coleção citada, as perguntas são mais diretas e contemplativas em relação ao conteúdo estudado, como, por exemplo, o uso do poema “Mar Salgado”, de Fernando Pessoa, através do qual são formuladas as seguintes perguntas: “pesquise o que é cabo Bojador. Explique qual é o sentido de sua menção no contexto descrito no poema.; de acordo com o poema, qual é a relação entre Portugal e o mar?; em sua opinião, o poema expressa uma visão positiva das grandes navegações? (...) (MAIDA, 2020, p. 55, vol. O poder econômico e a construção da autonomia dos povos e países). Dado a ser observado é que o número de perguntas não é extenso, girando sempre em torno de três, a depender do contexto em que os poemas são colocados, podem variar até para menos.

Tabela 03: Usos da literatura como fonte histórica nos livros didáticos da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, coleção **“Conexão mundo”**, organizada por Leandro Gomes.

Subtítulo da coleção	da	Obra e autor	Objetivo para que foi usado
Liberdade e vida social	e	Livro “O Quinze”, Rachel de Queiroz.	Mostra um trecho da obra para reforçar o debate acerca da seca e da migração do homem do campo para as cidades no Brasil.
Fronteiras físicas e culturais	e	–	–
Sociedade e natureza	e	Livro “A cidade e as serras”, Eça de Queiroz.	São citados dois trechos da obra usada como fonte no conteúdo sobre a Revolução industrial do século XIX. O texto é seguido de algumas questões para serem resolvidas com base na sua leitura e do tema estudado no capítulo.
Trabalho e sociedade	e	“Os trabalhos e os dias”, Hesíodo. Poema “Elegia, 1938”, Carlos Drummond de Andrade.	São citados trechos da obra com a finalidade de dialogar com a escravidão e trabalho livre na antiguidade. Os versos são seguidos de perguntas para serem respondidas com base neles. Poema citado na parte destinada às atividades no final do capítulo, com a finalidade de serem respondidas algumas questões sobre o capitalismo no século XX.
Convivências e conflitos	e	Livro “Quarto de despejo”, Carolina Maria de Jesus.	Obra citada na parte destinada às atividades de final de capítulo, com a função de contextualizar a História do Brasil nos anos 1960, bem como analisar um pequeno trecho da obra, que é posto como suporte para responder a algumas questões.
Política e cidadania	e	–	–

Fonte: GOMES, Leandro *et. al.*, *Conexão mundo (...)* Editora do Brasil, 2020. Volumes da coleção identificados na tabela.

Na coleção posta na tabela anterior, dos seis volumes, a literatura está presente em quatro, sendo todos textos de autores conhecidos no mundo literário e acadêmico. O primeiro é o romance *O Quinze*, de Rachel de Queiroz. A intenção é reforçar, através do texto literário a seca no Ceará e a dificuldade que os migrantes tinham para chegarem até a capital do Ceará, Fortaleza, sendo capitaneados para os campos de concentração. Embora traga trechos e imagens sobre esse período, o fragmento do romance é colocado após a seguinte frase: “Conheça um trecho da obra”, sem haver maior problematização e/ou explicação sobre a função que esse texto literário desempenha na construção da narrativa histórica acerca de um determinado fato, parecendo está disponível a título “ilustrativo” ou contemplativo, de tal modo que, diferentemente como quase sempre são feitas com as poesias nos livros analisados, não há perguntas sobre o trecho dado e/ou relação com alguma outra obra, seja clássica ou historiográfica em que uma reforce o discurso da outra. Diferente disso, ocorre com o trecho de “As cidades e as serras”, de Eça de Queiroz, que é colocado seguido da seguinte pergunta: “o que o trecho indica sobre o uso dos recursos naturais durante a segunda etapa da revolução industrial? (GOMES, *et. al.*, 2020, p. 47, vol. Sociedade e natureza).

Observa-se nessa coleção que os textos literários são colocados com a finalidade de contextualização histórica, e quando possuem o desígnio de instigarem a resolutividade de atividades acerca do conteúdo do capítulo abordado, possuem questões bastante problematizadoras, que requerem do aluno a capacidade de interpretação do poema e o entendimento do conteúdo e de um contexto histórico amplo para conseguir chegar a uma resposta satisfatória.

Diante do exposto, é perceptível o uso da literatura como fonte histórica nos livros didáticos da área Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, com finalidades diversas: indicação de leitura, menção à determinado gênero literário, citação de trechos de obras para contextualizar um período de tempo e/ou acontecimento, apenas de forma ilustrativa e para suscitar a criticidade do aluno, a interpretação e a compreensão de determinado tema através da análise do texto colocado. Embora percebamos a preferência de alguns autores pela poesia, romances também foram mencionados. É importante notar que embora haja a sua presença nos livros didáticos, a metodologia empregada para uso da literatura carece de mais atenção ou até mesmo contextualização no momento em que a obra é introduzida, tanto quando juntamente com o texto historiográfico como também, principalmente nas situações em que é posta para dar subsídio para a resolutividade de questões.

Considerações

Colocar a literatura como fonte histórica no livro didático, é oferecer uma visão mais ampla do processo de construção do conhecimento histórico, capaz de dialogar com diferentes tipos narrativos. Romances, crônicas, contos e poesias são construções literárias que têm um contexto de produção do seu autor. O texto literário é capaz de oferecer subsídios para que o historiador formule sua interpretação sobre um dado tempo, lugar ou acontecimento.

Não se trata de discutir até que ponto a literatura é ficção e a história é verdade, mas observa-se a capacidade do texto literário oferecer muitas respostas ao discurso histórico, quando a fonte literária é “perguntada” dentro de um contexto. Independentemente das características narrativas, que historiadores como Hayden White (2001) defende serem muito próximas, ratificamos, resguardadas as devidas proporções, a imaginação, que tanto o historiador como o literato usam no momento da sua escrita. Embora o historiador interprete a partir do documento, o literato escreve muitas vezes o que percebe em uma sociedade, como, por exemplo, as transformações, os diferentes aspectos da cultura e os movimentos políticos e sociais, da forma como fizeram historiadores como Sidney Chalhoub (2003) e Nicolau Sevcenko (1995).

Nos livros didáticos, essa face ainda aparece de forma tímida diante do impacto que as pesquisas que usam a literatura como fonte já causam há décadas nas universidades brasileiras. Mesmo que identifiquemos a presença de textos literários dentro dos livros didáticos, o tratamento dado a eles ainda é pequeno. As três coleções analisadas recorreram a diferentes gêneros literários, com predominância das poesias. Quase sempre a literatura foi usada para conduzir a resolução de questões, que não colocavam o texto literário como fonte histórica capaz de oferecer respostas mais concisas sobre o conteúdo estudado, pois os livros analisados quase não usaram a fonte literária como forma de construção da narrativa histórica dentro da exposição dos capítulos, sendo restritas a indicações, introdução de capítulos e/ou exercícios.

Com isso, vemos que o tratamento dado à literatura no livro didático de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, ainda é limitado a determinados espaços – principalmente o interdisciplinar – algo que os autores já fazem com outras disciplinas, demonstrando a necessidade da literatura ser tomada como fonte, de forma mais concisa nos livros da educação básica, situando o aluno enquanto sujeito histórico, pondo ele em contato com as produções culturais do período representado.

Referências

- BARROS, José D'Assunção. História, narrativa, imagens. Desafios contemporâneos do discurso historiográfico. **Antíteses**, vol. 1, n. 1, jan.- jun. de 2008, pp. 33-64.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar**. 1993. 382f. (Tese de doutorado). São Paulo: Faculdade de Educação da USP, 1993.
- BLANCH, Joan Pagès. As fontes literárias no ensino de história. **OP SIS**, Catalão, v. 13, n. 1, p. 33-42 - jan./jun. 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. *Parecer CNPE/CP nº 11/2009*. Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=1685-pcp011-09-pdf&category_slug=documentos-pdf&Itemid=30192
- BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013, p. 28.
- BRASIL. **Guia PNLD 2020: orientações gerais para a escola**. Ministério da Educação / Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília, 2020. Disponível em:
<https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/programas-do-livro/pnld/guia-do-pnld/item/13410-guia-pnld-2020>
- BRASIL. Ministério da Educação. Novo Ensino Médio - perguntas e respostas. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361>.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: história / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC / SEF, 1998.
- CAMILOTTI, Virgínia e NAXARA, Márcia Regina C. História e literatura: fontes literárias na produção historiográfica recente no Brasil. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 50, p. 15-49, jan./jun. 2009.
- CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 549- 566, set./dez. 2004.
- BOULOS JÚNIOR, Alfredo, LOBÃO, Edilson e FURQUIM JÚNIOR, Laércio. **Multiversos: ciências humanas: ética, cultura e direitos**. São Paulo: FTD, 2020.
- BOULOS JÚNIOR, Alfredo, LOBÃO, Edilson e FURQUIM JÚNIOR, Laércio. **Multiversos: ciências humanas: globalização, tempo e espaço**. São Paulo: FTD, 2020.
- BOULOS JÚNIOR, Alfredo, LOBÃO, Edilson e FURQUIM JÚNIOR, Laércio. **Multiversos: ciências humanas: política, conflitos e cidadania**. São Paulo: FTD, 2020.
- BOULOS JÚNIOR, Alfredo, LOBÃO, Edilson e FURQUIM JÚNIOR, Laércio. **Multiversos: ciências humanas: populações, territórios e fronteiras**. São Paulo: FTD, 2020.
- BOULOS JÚNIOR, Alfredo, LOBÃO, Edilson e FURQUIM JÚNIOR, Laércio. **Multiversos: ciências humanas: sociedade, natureza e sustentabilidade**. São Paulo: FTD, 2020.
- BOULOS JÚNIOR, Alfredo, LOBÃO, Edilson e FURQUIM JÚNIOR, Laércio. **Multiversos: ciências humanas: trabalho, tecnologia e desigualdade**. São Paulo: FTD, 2020.

- CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis, Historiador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- GOMES, Leandro *et. al.* **Conexão mundo**: ciências humanas e sociais aplicadas: trabalho e sociedade. Editora do Brasil, 2020.
- GOMES, Leandro *et. al.* **Conexão mundo**: ciências humanas e sociais aplicadas: sociedade e natureza. Editora do Brasil, 2020.
- GOMES, Leandro *et. al.* **Conexão mundo**: ciências humanas e sociais aplicadas: fronteiras físicas e culturais. Editora do Brasil, 2020.
- GOMES, Leandro *et. al.* **Conexão mundo**: ciências humanas e sociais aplicadas: liberdade e vida social. Editora do Brasil, 2020.
- GOMES Leandro *et. al.* **Conexão mundo**: ciências humanas e sociais aplicadas: convivências e conflitos. Editora do Brasil, 2020.
- GOMES, Leandro *et. al.* **Conexão mundo**: ciências humanas e sociais aplicadas: política e cidadania. Editora do Brasil, 2020.
- GULLINO, Daniel, GRANDELLE Renato e FERREIRA, Paula. **O Globo**, 03. Jan. 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-defende-mudanca-em-livros-didaticos-muita-coisa-escrita-tem-que-suavizar-24170001>
- LAJOLO, Marisa. Livro didático: um (quase) manual de usuário. **Em Aberto**, Brasília, ano 16, nº 69, jan./mar., 1996.
- MAIDA, Judith Nuria (coord.). **Interação humanas**: a formação das sociedades e das civilizações do Brasil e do mundo. São Paulo: Editora do Brasil, 2020.
- MAIDA, Judith Nuria (coord.). **Interação humanas**: as sociedades humanas, seus desafios e percursos. São Paulo: Editora do Brasil, 2020.
- MAIDA, Judith Nuria (coord.). **Interação humanas**: o Brasil e o mundo na atualidade. São Paulo: Editora do Brasil, 2020.
- MAIDA, Judith Nuria (coord.). **Interação humanas**: o poder econômico e a construção da autonomia dos povos e países. São Paulo: Editora do Brasil, 2020.
- MAIDA, Judith Nuria (coord.). **Interação humanas**: o trabalho e a transformação da vida humana São Paulo: Editora do Brasil, 2020.
- MAIDA, Judith Nuria (coord.). **Interação humanas**: sociedade brasileira: conflitos, tensões e a juventude. São Paulo: Editora do Brasil, 2020.
- MUNAKATA, Kazumi. O livro didático como mercadoria. **Pro-Posições**, São Paulo, v. 23, n. 3(69), p. 51-66, set./dez. 2012.
- OLIVEIRA, Thaís Reis. **Carta Capital**, 14 jan. 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/o-que-esperar-da-primeira-fornada-de-livros-didaticos-sob-bolsonaro/>.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma velha-nova história. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**. Débats, mis en ligne le 28 janvier 2006.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SILVA, Marcos. Entre o espelho e a janela (ensino fundamental e direito à História). **Projeto História**, São Paulo, n. 54, pp. 139-161 Set-Dez, 2016.

SILVA, Marco Antônio. A fetichização do livro didático. **Educação e Realidade**, v. 37, n. 3, set./dez. de 2012, p. 803-821.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documento de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

WHITE, Hayden. **O Trópico dos discursos**: ensaios sobre da cultura. São Paulo: EDUSP, 2001.